

TABULEIRO DE LETRAS

A força da Retórica entre a oralidade e a escrita

The strength of Rhetoric between orality and writing

Claudiano Avelino dos Santos¹

RESUMO:

Alguns diálogos de Platão mostram como, em seus inícios, a Filosofia precisou se diferenciar da Retórica, pois ambas lidavam com a palavra (*logos*). O uso da palavra discursiva integra o desenvolvimento da sociedade ateniense. O presente artigo mostra alguns elementos que relacionam a importância do discurso na vida política no cenário onde a Filosofia ocidental se organizou, e como a Retórica foi o sintoma de um processo de racionalização do discurso na época em que escrita se expandia, distanciando-se, mas ainda conservando marcas da oralidade.

Palavras-chave: Retórica; Oralidade; Filosofia; Platão; Sofistas.

ABSTRACT:

Some dialogues of Plato show how, in the beginning, Philosophy have to be distinguished from Rhetoric, as both were dealing with the word (*logos*). The use of discursive word integrates the development of Athenian society. This paper shows some elements that relate the importance of discourse in political life in the scenario where Western Philosophy has been arranged, and how the rhetoric was the symptom of a speech rationalization process at the time when writing was expanding, moving away, but still retaining marks of orality.

Keywords: Rhetoric; Orality; Philosophy; Plato, Sophists.

Introdução

Dentre os diálogos de Platão, um deles leva o nome de *Górgias*, um *sophós* que ensinou Retórica em Atenas, no século V a.C. Nesse diálogo, Sócrates reflete a partir do personagem Górgias, a respeito da atividade praticada e ensinada por este. Não bastasse esse diálogo, o *Fedro* ocupa-se, em grande parte, da discussão a respeito da Retórica. Mais tarde, Aristóteles elaborou uma obra na qual procurou sistematizar o estudo desse tema. Os exemplos poderiam ser multiplicados para mostrar a importância da Retórica na sociedade ateniense dos séculos V e IV a.C., bem como a preocupação da Filosofia platônica a respeito do assunto. Por que essa preocupação? O que é ser um rétor?

¹ Doutorando em Filosofia na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Professor de Filosofia na Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM). E-mail: claudiano.avelino@gmail.com

Na busca de elementos que elucidem essa questão, estudamos o que é e qual o papel da Retórica, nos séculos V e IV a.C., na cultura típica das cidades (*póleis*) gregas, e nosso ponto de partida é a cidade (*pólis*) ateniense, que detém a hegemonia nessa época, e cuja organização política funda-se na *isonomía*, segundo a qual a cidadania é exercida por meio do direito e do dever de todos à palavra pública, e da votação das ações e leis; ou seja, por meio do discurso (*lógos*)² que persuade. A cultura grega é, ainda então, uma cultura fortemente oral. Esclarecemos assim a importância do expressar-se bem, o que a técnica oratória em desenvolvimento cuidava de ensinar.

1. O discurso na organização da *pólis*

O sistema de *isonomía* surgiu entre os atenienses e tem na reforma de Clístenes (508-507) seu marco histórico. A *isonomía* é a igualdade entre os cidadãos, pela lei e perante a lei. A partir de Clístenes, os agrupamentos religiosos foram substituídos pela organização territorial, e o direito à participação na vida pública tinha por base o nascimento em determinado território³. Claude Mossé assim se expressa sobre a atuação de Clístenes:

Este não criou a democracia ateniense: criou as condições que permitiram o nascimento da democracia, tornando todos os cidadãos iguais perante a lei — uma lei que daí em diante seria expressão da vontade de todo o povo.⁴

Em outras palavras, podemos dizer que as mudanças efetuadas por Clístenes foram o germe do que viria a ser nomeado “democracia ateniense”. Essas mudanças consistiram em uma nova divisão política e administrativa da *pólis*. O território foi

² O termo grego *lógos* não possui correspondente exato em português e outras línguas neolatinas. Por isso, a princípio, não o traduziremos. *Lógos* pode significar palavra, vocábulo, proposição, sentença, discurso, dito, definição, promessa, pretexto, composição em prosa, literatura, razão, bom senso, julgamento, opinião, explicação, inteligência, opinião, recolhimento (cf. Anatole BAILLY, *Dictionnaire Grec-Français*, p. 1200-1201). Pierre Chantraîne esclarece que *lógos* tem origem no verbo *légo*, cujo sentido original é reunir, recolher, escolher. Chantraîne acrescenta que *lógos* é uma explicação, um dito em oposição à realidade (cf. Pierre CHANTRAÎNE, *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*, vol. II, p. 625). Ou seja, é aquilo que procura exprimir uma coisa, mas não é a própria.

³ Cf. Claude MOSSÉ, *Dicionário da civilização grega*, p. 62.). Tal idéia de igualdade já era expressa nos círculos de guerreiros que, depois de uma série de transformações sociais e políticas, tornar-se-ão a ágora, cujos participantes se expressavam livremente (Cf. Jean-Pierre VERNANT, *Mito e pensamento entre os gregos*, p. 253). Com Clístenes, a participação que era restrita aos aristocratas é ampliada a todo cidadão, ou seja, todo homem nascido e inscrito no *demos*, a circunscrição administrativa básica da sociedade ateniense.

⁴ Claude MOSSÉ. *Atenas*, p. 23.

dividido em dez tribos; cada tribo, por sua vez, era composta de três distritos chamados trítias: um localizado nas proximidades da cidade e outros dois nas áreas rurais. Cada trítia era composta por um ou mais *dêmoi*. O *dêmos* era uma aldeia já existente na zona rural. Dos *dêmoi* saíam os participantes da assembleia, a *ekklesia*⁵.

No sistema isonômico o povo expressa sua vontade, não por meio da força econômica, física ou de castas, porém mediante a força do discurso nas assembleias, do *lógos*, e a ação de votar, como veremos, vem a ser fundamentada pela persuasão que este comporta. O *lógos*, portanto, ocupa papel primordial na Ética e na Política gregas, conformenota J.-P. Vernant:

O que implica o sistema da *pólis* é primeiramente uma extraordinária preeminência da palavra sobre todos os outros instrumentos de poder. Torna-se o instrumento político por excelência, a chave de toda autoridade no Estado, o meio de comando e de domínio sobre outrem.⁶

Para que o *lógos* fosse igualmente partilhado, na *isonomia* deveriam ser minimizadas as diferenças entre os grupos humanos separados pelos estatutos sociais arcaicos e que persistiam, ainda, apesar de terem nascido nas fratrias: o estilo da família, a divisão do território, a religião mítica, o *éthos* tradicional. Era preciso que essas diferenças específicas entre cidadãos não impedissem a pretendida “igualdade” da raça grega para a gestão dos negócios públicos e, mais, para a constituição de uma cidade hegemônica quanto à *isonomia*.⁷

A peça-chave para a organização política isonômica era o Conselho, ou *Boulé*, dos Quinhentos. Nela se reuniam cinquenta membros de cada tribo – eram dez tribos ao todo – sorteados entre todos os cidadãos, com a função de preparar os projetos (*probouleúmata*) a ser submetidos ao voto da Assembleia (*ekklesia*). Cabia também ao Conselho, diretamente ou por comissões subsidiárias, organizar e controlar a vida da cidade. Havia, para isso, um poder judiciário, criado no século VI a.C., que controlava a organização militar da cidade, a construção de navios e os arsenais, além de

⁵ Cf. Chester G. STARR. **O nascimento da democracia ateniense**, p. 53.

⁶ Jean-Pierre VERNANT. *As origens do pensamento grego*, p. 53.

⁷ Um exemplo do quão importante era a ideia de igualdade para os gregos é encontrado no discurso fúnebre de Péricles em homenagem aos primeiros mortos na Guerra do Peloponeso: “Vivemos sob uma forma de governo... seu nome, como nela tudo depende não de poucos, mas da maioria, é democracia. Nela, enquanto no tocante às leis todos são iguais para a solução de divergências privadas, quando se trata de escolher, não é o fato de pertencer a uma classe, mas sim o mérito é que dá lugar aos postos mais honrosos...”. TULCÍDIDES, *História da Guerra do Peloponeso*, II, 37. p. 109.

supervisionar os impostos e cuidar dos leilões públicos de bens confiscados⁸.

A *ekklesia* era a assembleia e se reunia quarenta vezes por ano, mas era possível convocar reuniões extraordinárias e, em princípio, todo ateniense com 18 anos ou mais, devidamente inscrito em seu *démos*, poderia e deveria participar dela utilizando-se do *lógos*. No entanto, a participação dos mais pobres e dos que viviam mais afastados do lugar da assembleia nem sempre era possível, já que participar da *ekklesia* implicava em deixar de lado o trabalho cotidiano. Por isso, introduziu-se uma indenização que compensava o dia de trabalho perdido⁹. Claude Mossé nota que essa indenização, chamada *misthophoría*, no início era paga aos juizes do tribunal popular e, depois, estendeu-se, já no século IV, a todos os participantes das assembleias¹⁰. O direito e dever de expressar-se já não era, portanto, tão simples e direto como aparentava ser nos inícios do novo regime (século V a.C.). A sofisticação da *pólis* fazia com que a Retórica se tornasse cada vez mais indispensável.

A assembleia possuía poder soberano no tocante a todos os assuntos de interesse da cidade, tais como assinatura de tratados, construção de obras públicas, atribuição do direito de cidadania, entre outros, e no século V possuía a função de elaborar leis. No entanto, após a restauração da democracia em 403 a.C., tal encargo passou a um órgão menor, composto por legisladores, os *nomothétai*¹¹. Estes detinham um poder para o qual a maioria dos cidadãos não estava preparada: o uso do *lógos* escrito. A *isonomía* pretendida mostrava-se, de certo modo, não tão “isonômica”. Já se nota que os dados históricos aqui expostos são imprescindíveis para compreender o peso da Retórica na *pólis* grega.

Na *ekklesia* “cada ateniense tinha, em princípio, o direito e a possibilidade de subir à tribuna e tomar a palavra”¹², e suas sessões, como afirma Moses Finley,

eram acessíveis a qualquer cidadão que a elas quisesse assistir. Aí tinha voto direto nas propostas apresentadas, que eram abertamente debatidas, corrigidas, caso se pretendesse, e por vezes mesmo instruídas; e votava às claras, perante os concidadãos.¹³

Percebemos, assim, que na organização política, tal como idealizada por

⁸ Cf. Peter V. JONES. *O mundo de Atenas*, p. 211; Claude MOSSÉ, *Dicionário da civilização grega*, p. 56-57.

⁹ Cf. Victor EHRENBERG. *L'État grec*, p. 102-103.

¹⁰ Cf. *Dicionário da civilização grega*, p. 202-203.

¹¹ Cf. Peter V. JONES, *O mundo de Atenas*, p. 207.

¹² Claude MOSSÉ, *Dicionário da civilização grega*, p. 103.

¹³ Moses I. FINLEY, *Política no mundo antigo*, p. 90.

Clístenes e firmada por Péricles, há ligação indissociável entre a *isonomia* e o *lógos*. Todos os cidadãos atenienses eram “iguais” por pertencerem à mesma raça e poderiam expressar seu pensamento, decidir sobre questões referentes à vida da *pólis*, da qual eram parte inerente. O *lógos* era o instrumento, a força por excelência, de manifestação dos fins políticos das cidades. O nascimento e o registro em cada *dêmos* eram importantes para a determinação da cidadania, mas era pelo *lógos* que a *isonomia* se manifestava. Para o *polítes* (cidadão), era fundamental o direito de uso da palavra.

Contudo, ainda que a cidadania se alicerçasse no direito ao *lógos* nas decisões mais importantes para a vida da *pólis*, é preciso considerar, como salienta Claude Mossé, que nas discussões da Assembleia

intervenham apenas os homens capazes de se dirigir a uma multidão numerosa e frequentemente indisciplinada; ou seja, os que tinham o domínio da palavra oral. Esses oradores, qualificados por seus adversários de ‘demagogos’, tendiam a se tornar verdadeiros profissionais da política, e tal fenômeno só faria acentuar-se a partir do final do século V, quando a direção da cidade deixou de ser apanágio exclusivo das velhas famílias aristocráticas.¹⁴

Assim, entre o ideal que preconizava o uso público do *lógos* por todos os cidadãos e a realidade da Assembleia, com a especialização dos chamados logógrafos, não havia total consonância, pois, como veremos, entre o direito de discursar e a efetivação desse direito há um elemento a considerar: a habilidade de falar com persuasão.

Até chegarem ao sistema de *isonomia*, os gregos passaram por um longo processo de apropriação do *lógos*, até que ele emergisse como força argumentativa e persuasiva e estivesse aberto à descoberta de suas potencialidades. O *lógos* deixou de ser algo concernente a certos direitos divinos de um monarca sagrado (*basileús*), que determinava a organização da fratria e convocava os homens para o trabalho e para a guerra ao determinar suas sentenças. O *éthos* arcaico perdeu força com o término das fratrias, e outros ângulos do *éthos* surgiram quando da emergência das *póleis*.

Com Clístenes, no séc. V a.C., sob cujo governo se enfraqueceu a prevalência da opinião de alguns apenas por sua origem nobre, o *lógos* passou a seguir a *isonomia*, sob o comando da palavra pública. O instrumento de governo da cidade agora passa pelo *lógos*, como discurso argumentativo, acessível, ao menos teoricamente, a todo

¹⁴ Claude MOSSÉ, *Dicionário da civilização grega*, p. 103-104.

cidadão. Qualquer um poderia discursar na assembleia, qualquer um poderia arguir na defesa ou na condenação de uma proposta. Porém, não bastava falar: era preciso falar bem, a fim de persuadir,¹⁵ e vimos que, mesmo que todos tivessem o direito ao *lógos* na *ekklésia*, somente alguns exerciam, de fato, esse direito. Eram os que sabiam aliar *lógos* e persuasão (*peithó*), o discurso pela via da argumentação, a reflexão exposta em sentenças bem encadeadas, com a habilidade de convencer. A importância de se expressar bem e, conseqüentemente, da Retórica é expressa de maneira clara por E. R. Dodds:

Numa época em que os livros ainda eram poucos, e jornais, cinema, ou televisão nem sonhavam em existir, a palavra falada era o único meio de comunicação de massa. Seu domínio era a estrada real para o poder na democracia e também, em último recurso, a melhor garantia de segurança pessoal.¹⁶

Ora, sendo o discurso e a persuasão que o acompanha tão relevantes para a vida da *pólis*, é muito importante para o exercício político aprender a discursar bem, o que cria a necessidade de elaborar meios de dominar o *lógos* persuasivo: *peithó*. Esse meio surge com a criação de uma arte específica (*tékhne*), que pouco a pouco vai sendo elaborada e, mais tarde, possivelmente com Platão, denominada Retórica¹⁷.

2. A Retórica entre a oralidade e a escrita

Após a apresentação do viés da organização política, é oportuno abordar o tema da oralidade e da retórica, a fim de perceber a importância do discurso na sociedade ateniense dos séculos VI e V a.C. Conforme Eric Havelock faz perceber, ainda no tempo de Górgias e mesmo no de Platão, a comunicação oral constituía o fundamento principal da vida cultural grega¹⁸; o uso dos caracteres herdados dos fenícios e adaptados era relativamente recente, e as pessoas não tinham o hábito de ler para se informar. A origem do alfabeto entre os gregos é atribuída miticamente a Cadmo. Ele teria morado na Fenícia e, em seu retorno, trazido o alfabeto à Grécia. Não se sabe com precisão quando isso teria ocorrido. As estimativas variam entre os séculos

¹⁵ A persuasão era tão importante para a vida da cidade que, para ela, os gregos possuíam uma deusa, *Peithó*, divindade do cortejo de Afrodite. Cf. Mário da Gama KURY, *Dicionário de mitologia grega e romana*, p. 309.

¹⁶ Cf. PLATÃO. *Gorgias*. A revised text with introduction and commentary by E.R. Dodds, p. 4.

¹⁷ Cf. Edward SCHIAPPA, *The Beginnings of Rhetorical Theory*, p. 33-34.

¹⁸ Cf. Eric HAVELOCK, *Prefácio a Platão*, p. 55.

XIV e VII a.C. A tradição grega a respeito de Cadmo calcula que ele tenha vivido no século XIV a.C., mas as inscrições gregas mais antigas são datadas do século VIII a.C.¹⁹

Seja qual for a data e o modo como o silabário fenício chegou aos gregos, esse fato proporcionou rápida evolução para a cultura grega de então. A criação dos signos das vogais foi uma das mudanças mais significativas da escrita, pois possibilitou a expressão fonética de maneira precisa e independente. Ao observar um quadro comparativo do silabário fenício e do alfabeto grego mais antigo

se perceberá que as 22 letras semitas [do alfabeto fenício] foram tomadas com poucas mudanças... Houve, porém, mudanças mais importantes no valor dos sons. Primeiro, o alfabeto semita não possuía vogais, porém, era essencial para a inteligibilidade que o alfabeto grego as tivesse. Conseguiu-se isso mediante o uso de letras semitas que representavam sons desconhecidos para o grego.²⁰

O *aleph* fenício, por exemplo, que representava um som gutural, foi tomado para sinalizar o som da letra *a* (alfa); o *he* foi empregado para designar o *e* (épsilon), e assim com os sons das outras vogais. Por não possuir vogais, o silabário fenício era de aprendizado mais difícil. Quando alguém lia um signo, seu aspecto fonético não estava inteiramente representado nessa letra. É o caso do signo (consoante) que apenas fazia referência a um som que se decorara. Já o alfabeto grego,

graças a sua superior análise do som, pôs a capacidade de ler teoricamente ao alcance de crianças num estágio em que ainda estavam aprendendo os sons de seu vocabulário oral (...) a escrita foi reduzida a um truque, não tinha valor intrínseco em si mesma como escrita, e isso o distinguiu [o alfabeto grego] de todos os sistemas anteriores (...) os nomes das letras gregas, emprestados do fenício, pela primeira vez se tornaram sem sentido[...]²¹

O fato de as letras se tornarem sem sentido em si mesmas significa que passaram a representar apenas sons, que poderiam ser memorizados facilmente e aplicados a qualquer coisa. No entanto, não se pode imaginar que o alfabeto tenha sido usado imediatamente em larga escala, mas sim que isso tenha acontecido aos poucos, como esclarece, ainda, Havelock:

o alfabeto grego, tanto na época em que foi inventado como muitas

¹⁹ Cf. Alfred Charles MOORHOUSE, *Historia del alfabeto*, p. 176.

²⁰ Cf. *Ibidem*, p. 177.

²¹ Eric HAVELOCK, *A revolução escrita na Grécia*, p. 82-83.

gerações depois, não foi usado, em primeira instância, para transcrever enunciados coloquiais, mas sim para transcrever o que antes tinha sido composto segundo as regras orais de memorização. É por isso que a literatura grega, até a morte de Eurípedes, é predominantemente poética... A grande literatura grega clássica deve ser vista como composta em uma condição de tensão crescente entre as modalidades oral e escrita da linguagem.²²

A escrita dos primeiros poetas gregos possui nítidas marcas da oralidade, de quando a sabedoria era passada de uma geração a outra pela recitação. Nessa época, a transmissão fidedigna do conhecimento era garantida pela metrificação sonora da linguagem. Isso quer dizer que, ao recitar uma poesia com rima e métrica, o aedo não estava apenas realizando o que poderíamos chamar de performance estética, mas sim transmitindo as raízes do povo grego e sua comunicação linguística. Ou seja, a poesia arcaica não foi apenas uma forma sofisticada de linguagem: foi, na verdade, um meio de memória e conservação da cultura. Como afirma Havelock, o que chamamos poesia era, para os gregos,

uma invenção de antiguidade imemorial, destinada ao propósito funcional de prover um registro contínuo de culturas orais. Essas culturas normalmente seguem a prática de reforçar os ritmos da métrica verbal casando-os com os ritmos da dança, dos instrumentos musicais e da melodia... Os gregos denominaram este complexo de práticas orais pelo termo técnico *mousiké*, e corretamente designaram a musa que deu o nome a essa arte como “Filha da Recordação”. Ela personificava a necessidade mnemônica e as técnicas mnemônicas características de uma cultura oral.²³

Ainda que a escrita tenha sido iniciada provavelmente no século VIII a.C., os gregos só se tornariam uma comunidade de leitores depois da primeira metade do século IV.²⁴ O alfabeto não foi invenção dos helenos, e Havelock²⁵ salienta que, mais importante do que a invenção do alfabeto, foi seu uso para a comunicação, o que ele atribui aos gregos. A revolução do alfabeto, como afirmado, não foi associar um sinal a um objeto, a uma ideia, e sim um signo a um fonema. E foram os gregos os que o fizeram.

Da origem fenícia até o uso “literário”, no sentido de ler, escrever, ouvir, o alfabeto grego percorreu considerável processo, e a época dos sofistas e de Platão é, nesse aspecto, um tempo de transição: oralidade e escrita convivem, sendo que a

²² Ibidem, p. 190.

²³ Ibidem, p. 189.

²⁴ Cf. Eric HAVELOCK, *Prefácio a Platão*, p. 57-58.

²⁵ Cf. *A revolução da escrita*, p. 328.

segunda começa a sobrepor-se à primeira, não sem alguma tensão.

Lembremos que no diálogo *Fedro*, Platão, não sem motivo, põe em questão os benefícios e os perigos da escrita. Para tanto, vale-se do Mito de Teuth (cf. 275b e ss.) pelo qual narra que Teuth, um sábio, apresenta-se ao rei Tamos, do Egito, com algumas invenções, dentre elas a escrita, assim apresentada:

Este é um ramo do conhecimento, ó rei, que tornará os egípcios mais sábios e de melhor memória. Está, pois, descoberto o remédio da memória e da sabedoria.²⁶

Ao rei, porém, parece o contrário, que conclui dizendo:

[...] essa descoberta provocará nas almas o esquecimento do quanto se aprende, devido à falta do exercício da *memória* [...] por conseguinte, não descobristes um remédio para a memória, e sim para a *recordação*[...]²⁷

Esse trecho de Platão testemunha a tensão causada pela escrita num mundo marcado fortemente pela oralidade e é nesse contexto que nasce a Retórica. Diferentemente do que pode parecer à primeira vista, ela está ligada mais ao momento da escrita do que ao da oralidade. Isso porque, antes da invenção e divulgação da escrita, a palavra, que é também dita *mýthos*, tinha uma conotação mítico-religiosa mais forte. Aquele que cantava, que recitava poesias, fazia-o inspirado pelas musas²⁸. Ora, o uso da escrita representou o adestramento, o domínio do homem sobre a palavra, de modo que o *lógos* deixa de ser apenas propriedade da inspiração sagrada para estabelecer-se no domínio da sabedoria humana²⁹, e a Retórica pode ser considerada como o ápice desse domínio: o *lógos* é posto a serviço do homem e de suas necessidades sociopolíticas. Na medida do possível, o homem pensará sobre essa nova força sob seu domínio: por que é possível o encadeamento de sentenças que persuadem, que explicam o pensamento?

A relação dos gregos com o *lógos* como força de discurso articulado pode,

²⁶ PLATÃO, *Fedro*, 274e.

²⁷ *Ibidem*, 275a.

²⁸ As Musas eram as nove filhas de Mnemosine e Zeus, ou de Harmonia, ou ainda de Urano e de Gaia. Os gregos acreditavam que elas inspiravam os poetas e os literatos em geral, os músicos, os dançarinos, os astrónomos e os filósofos. Pouco a pouco, a cada musa foi sendo atribuída uma função, que só se cristalizou na época romana. A versão mais comum distribui assim as funções das musas: Calíope era a musa da poesia épica, Clio a da história, Euterpe a da música das flautas, Erato, da poesia Lírica, Terpsícore, da dança, Melpomene, da tragédia, Talia, da comédia, Polímnia, dos hinos sagrados e Urânia, da astronomia. Cf. Mário da Gama KURY, *Dicionário de mitologia grega e romana*, p. 274.

²⁹ Cf. Jean-Pierre VERNANT, *As origens do pensamento grego*, p. 453.

então, ser dividida em dois momentos: o primeiro é o do *lógos* como poesia, no qual predomina a oralidade; o segundo vem com o desenvolvimento da escrita, quando o homem aprende a lidar com o *lógos* tecnicamente, ou seja, como arte que pode ser ensinada e aprendida, e não necessariamente como dom divino. É preciso considerar, porém, que a fronteira entre esses dois momentos não é nítida. Como afirmam C. Thomas e K. Webb,

a interação entre oralidade e escrita na Grécia era complexa (...) A escrita alfabética só apareceu no oitavo século, mas não substituiu a palavra falada (...) Até o final do século VI, pelo menos, a alfabetização era disseminada lentamente e sua aplicação relativamente limitada.³⁰

A oralidade e a escrita não se excluem, e a divisão entre oralidade e escritura parece explicitar o antes e o depois do uso técnico do *lógos*, o uso como *téchne*. No *lógos* como poesia há o predomínio do aspecto extático, de inspiração. Segundo afirmam ainda C. Thomas e K. Webb, nesse primeiro momento “a palavra falada assumia grandes responsabilidades. Uma das maiores era a preservação das informações importantes”³¹. Ela era o passado na memória e o presente quando o aedo cantava. Agora, poderíamos pensar que os enunciados procuravam ser sóbrios, claros, diretos, sentenças precisas, para terem legitimidade e serem rapidamente compreendidas. No entanto, diz Havelock:

Numa sociedade pré-alfabetizada, como se conserva esse enunciado? A resposta inevitável é: na memória das pessoas... A única tecnologia verbal possível e disponível que garantisse a conservação e a fixidez da transmissão era a da fala rítmica, habilmente organizada em padrões verbais e rítmicos, singulares o bastante para preservar a forma. É essa a gênese histórica, a *fons et origo* do fenômeno que chamaremos de “poesia”.³²

A métrica e toda a estilística poética em Homero e Hesíodo têm como função principal a fácil memorização. Pensar em fórmulas claras e distintas como mais fáceis de serem memorizadas seria um anacronismo, fruto de uma mentalidade não oral, da escritura. Nesse sentido, C. Thomas e K. Webb ressaltam que, nesse período, um discurso era julgado pelo prazer que provocava aos ouvidos, pelo grau de encanto que

³⁰ Carol G. THOMAS, Eduard K. WEBB. From orality to rhetoric: an intellectual transformation. In: Ian WORTHINGTON, *Persuasion: Greek rhetoric in action*, p. 5-6.

³¹ *Ibidem*.

³² Cf. Eric HAVELOCK, *Prefácio a Platão*, p. 59.

causava; em outras palavras, pela possibilidade de ser memorizado³³. A métrica, o estilo, a eufonia não eram supérfluos, mas sim essenciais para que um discurso causasse impacto e fosse guardado. Como a função primordial na poesia desse período é atribuída às Musas, a capacidade de recitar não pertencia a todos, e sim a poucos, pois era um dom dos deuses aos bardos. Desse modo, o poder de criação de discursos não competia aos homens, fundamentalmente. Jáa Torrano afirma que na Grécia arcaica

o poeta [...] tem na palavra cantada o poder de ultrapassar e superar todos os bloqueios e distâncias espaciais e temporais, um poder que só lhe é conferido pela Memória (*Mnemosyne*) através das palavras cantadas (Musas).³⁴

Assim, as Musas e as palavras cantadas eram quase sinônimas, e a recitação poética, sendo coisa divina, não era entendida como fruto de técnica ou sabedoria de alguns, mas sim como doação divina. A partir do desenvolvimento do alfabeto, entretanto, o dom divino da palavra passa a ser considerado do ângulo da *téchne*. Os chamados sofistas ou *sophistés* foram aqueles que inauguraram o estudo intensivo da linguagem (*lógos*) como meio de controle do dizer e do pensar, e descobriram como manejar o *lógos* por meio de uma técnica. Merece destaque a afirmação de Górgias, em seu *Elogio de Helena*: “Toda poesia é um discurso que tem métrica”³⁵. Essa afirmação é tida como a primeira apresentação crítica da forma poética.³⁶ Dizer que poesia é *lógos* com métrica parece muito pouco; no entanto, revela um olhar diferente sobre aquilo que antes era tido como dom divino.

A frase de Górgias testemunha o início de outro momento da cultura grega, da aproximação do *lógos* com a *téchne*, analisada por Platão principalmente nos diálogos *Górgias*, *Protágoras* e *Fedro*. Não se trata mais da poesia inspirada, apesar de sua importância persistir na cultura grega, mas do discurso elaborado, trabalhado pelo esforço do pensamento, que emerge nas *póleis* do século V a.C.

Referências

³³ Cf. Carol G. THOMAS, Eduard K. WEBB. *Op. cit.* p.8-9.

³⁴ Jáa TORRANO, “O mundo como função das musas”, in HESÍODO, *Teogonia*, p. 16.

³⁵ § 9. Tradução de Manuel BARBOSA, e Inês ORNELLAS E CASTRO, Inês. *Górgias. Testemunhos e fragmentos*.

³⁶ Cf. Carol G. THOMAS, Eduard K. WEBB. *Op. cit.* p. 2.

BAILLY, Anatole. **Le Grand Bailly. Dictionnaire Grec-Français.** Édition revue par L.Séchan et P. Chantraîne. Paris: Hachette, 2000.

BARBOSA, Manuel. ORNELLAS E CASTRO, Inês. (orgs.) **Górgias: testemunhos e fragmentos.** Lisboa: Colibri, 1993.

CHANTRAINE, Pierre. **Dictionnaire étymologique de la langue grecque.** Histoire des mots. Paris, 1968.

CONSIGNY, Scott. **Gorgias: sophist and artist.** Columbia, University of South Carolina, 2001.

EHRENBERG, Victor. **L'état grec.** La cité, l'état fédéral, la monarchie hellénistique. Paris: François Maspero, 1982.

FINLEY, Moses I. **Política no mundo antigo.** Trad. Gabinete Editorial de Edições 70. Lisboa: Edições 70, 1997.

HAVELOCK. **A revolução escrita na Grécia e suas conseqüências culturais.** Trad. d e Ordep José Serra. São Paulo: Editora da UNESP; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. A. **Prefácio a Platão.** Trad. Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papyrus, 1996.

HESÍODO. **Teogonia: a origem dos deuses.** Estudo e tradução de JaaTorrano. Iluminuras: São Paulo, 2003.

JONES, Peter V. **O mundo de Atenas: uma introdução à cultura clássica ateniense.** Trad. Ana Lia de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

KURY, Mário da Gama. **Dicionário de Mitologia grega e romana.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MIGLIORI, Maurizio. **La filosofia di Gorgia.** Milão: Celuc, 1973.

MOORHOUSE, Alfred Charles. **Historia del alfabeto.** Trad. Carlos Villegas. Cidade do México: FCE, 1965.

MOSSÉ, Claude. **Atenas: a história de uma democracia.** Trad. João Batista da Costa. Brasília: Universidade de Brasília, 1997.

MOSSÉ, Claude. **Dicionário da civilização grega.** Trad. Carlos Ramallete. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

PLATÃO. **Fedro.** Tradução de José Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1997.

PLATÃO. **Górgias.** Introdução. Tradução do Grego e notas de Manuel de Oliveira Pulquério. 4a. ed. Lisboa, Edições 70, 2000.

SCHIAPPA, Edward. **The Beginnings of Rhetorical Theory in Classical Greece**. Londres: Yale University Press, 1999.

STARR, Chester G. **O nascimento da democracia ateniense: a assembleia no século V a.C.** Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Odysseus, 2005.

SOUZA, José Cavalcante de. *Caracterização dos sofistas nos primeiros diálogos platônicos*. EDUSP, São Paulo: 1969.

VERNANT, Jean-Pierre. *As origens do pensamento grego*. Trad. Ísis Borges B. da Fonseca. Rio de Janeiro:Difel, 2003.

WARDY, Robert. *The birth of Rhetoric*. Gorgias, Plato and their successors. Londres, Nova Iorque: 1996.

WORTHINGTON, IAN. (Org). *Persuasion: greek rhetoric in action*. Londres, Nova Iorque:Routledge, 1994.